



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E MEC/PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

FRANCINEIDE SANTOS PEREIRA

**A COMERCIALIZAÇÃO DOS ARTEFATOS DE MIRITI: AS
INFLUÊNCIAS CULTURAIS E O IMPACTO SÓCIOECONÔMICO E
AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA.**

ABAETETUBA – PA

2014

FRANCINEIDE SANTOS PEREIRA

**A COMERCIALIZAÇÃO DOS ARTEFATOS DE MIRITI: AS
INFLUÊNCIAS CULTURAIS E O IMPACTO SÓCIOECONÔMICO E
AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Universidade Federal do Pará, como requisito
parcial para obtenção do grau de Licenciatura em
Ciências Sociais.

Orientador: Dr. Romero Ximenes.

ABAETETUBA – PA

2014

Dados Internacionais de catalogação-na-publicação (CIP)

Biblioteca da Universidade Federal do Pará, Abaetetuba – PA

Pereira, Francineide Santos.

A COMERCIALIZAÇÃO DOS ARTEFATOS DE MIRITI: As influências culturais e o impacto socioeconômico e ambiental do município de Abaetetuba, 2014.

32 f.

Orientador: Dr. Romero Ximenes

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Abaetetuba, 2014.

1. O município de Abaetetuba. 2. As gerações dos artesãos. 3. A cadeia produtiva dos brinquedos de miriti. I. Pereira, Francineide Santos. II. Ximenes, Dr. Romero. Orientador. III. Título.

FRANCINEIDE SANTOS PEREIRA

**A COMERCIALIZAÇÃO DOS ARTEFATOS DE MIRITI: AS
INFLUÊNCIAS CULTURAIS E O IMPACTO SÓCIOECONÔMICO E
AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a
universidade federal do Pará, como requisito
parcial para obtenção do grau de licenciatura em
ciências sociais

Data de Defesa: 12 de fevereiro de 2014.

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA:

ProfºDrº. Romero Ximenes – Orientador

Wando Dias Miranda – Examinador 1
Profº.Msc.

José Ribamar Braun Viana dos Santos –Examinador 2
Prof. Msc.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente à DEUS por estar comigo durante essa jornada importante de minha vida, que me deu forças para continuar quando eu pensei em desistir. Renovou minha fé, quanto eu não acreditava mais que este sonho seria possível.

Agradeço aos meus pais Alzira Santos Gonçalves e Décio dos Passos Gonçalves, minha filha Natália Pereira dos Santos, meu esposo Delmiro Pereira dos Santos que foram os principais motivadores deste sonho, meus irmãos Francinaldo Santos Pereira (em memória), Giovane Santos Gonçalves, Edilson Carvalho Gonçalves e Alessandra Santos Gonçalves que sempre me apoiaram nesta jornada.

Agradeço as minhas grandes parceiras e amigas, Kátia Andréa Rodrigues, Kelli Cristina Ferreira, Maria Cristina Quaresma e Maria do Socorro Quaresma e Silva. Obrigada pelo apoio, pela palavra amiga no momento de desespero, por me emprestar o ombro amigo para chorar, elas sabem o quanto lutei por esse sonho, de forma que vocês, meus pais, minha filha, meu marido e meus irmãos, foram os principais protagonistas dessa fase de minha vida.

Ao meu orientador Prof^o. Dr^o Romero Ximenes pela paciência e competência, norteando meus pensamentos, tornando meu trabalho produtivo.

Meu muito obrigada de todo coração.

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso a respeito da comercialização internacional dos brinquedos de miriti, com o objetivo de identificar como ocorre e as influências que desencadeou na vida dos artesãos, assim como os aspectos ambientais dessa atividade no município. É fato que muitas mudanças ocorreram, algumas parcerias foram feitas, especialmente com o SEBRAE, que vem desenvolvendo um trabalho de orientação comercial e de marketing junto aos artesãos, além de oficinas para melhorar o design dos brinquedos de miriti, utilizando melhores materiais para o acabamento. Foram realizadas pesquisas bibliográficas e entrevistas estruturadas e não estruturadas nas associações e nos ateliês que alguns artesãos. Atualmente os brinquedos de miriti são considerados no mundo, um dos principais símbolos regionais do Estado do Pará, e cada ano, em cada exposição dentro ou fora do Estado e do Brasil ganham mais espaços como um artesanato peculiar ao município de Abaetetuba.

Palavra-chave: Abaetetuba, artefatos, miriti.

ABSTRACT

In this work of completion regarding the international marketing of toys miriti , aiming to identify how occurs and the influences that triggered the lives of artisans , as well as environmental aspects of this activity in the future . It is fact that many changes have occurred , some partnerships have been made , especially with SEBRAE , which is developing a working commercial orientation and marketing with the artisans , as well as workshops to improve the designer of toys miriti , using the best materials for finishing . Bibliographical research and structured interviews and structures associations and some artisans workshops were held . Currently toys miriti are considered in the world , a major regional symbols of the State of Pará , and each year , in each exposure within or outside the State and Brazil gain more spaces as a peculiar craft the municipality of Abaetetuba .

Key Words : Abaetetuba , artifacts , miriti

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - O MUNICÍPIO DE ABAETETUBA: O BERÇO DA ARTE DOS BRINQUEDOS DE MIRITI	11
1.1 - Brinquedos de miriti: uma influência na educação	14
1.2 - Os brinquedos de miriti: a origem histórica.....	16
CAPÍTULO II - AS GERAÇÕES DOS ARTESÃOS: DOS PIONEIROS AOS ATUAIS, UMA ARTE DE PAI PARA FILHO	19
2.1 - A importância do círio de nossa senhora de Nazaré na comercialização dos brinquedos de miriti	20
CAPÍTULO III - A CADEIA PRODUTIVA DOS BRINQUEDOS DE MIRITI.	22
3.1- A comercialização internacional: um intercambio cultural.....	24
3.2 - A sustentabilidade e o desenvolvimento sócio ambiental no extrativismo do miriti.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

INTRODUÇÃO

A produção dos brinquedos de miriti e outros artefatos feitos da palmeira de miriti vêm despertando o interesse de muitos pesquisadores, estudantes e turistas, que realizam trabalhos de pesquisas a respeito dessa cultura peculiar do Município de Abaetetuba. É fato que essa grande procura pelos artefatos de miriti, desencadeou uma série de mudanças no designer dos brinquedos, que de rústicos ganharam uma imagem mais moderna com melhores acabamentos, e na vida dos artesões, que passaram a conviver com a procura de suas obras não só como mercadorias, e sim como objeto de estudo para pesquisadores, além de turistas norte-americanos, italianos, alemães, franceses, ou seja, como eles costumam chama-los “os gringos”. Isso sem dúvida ocasionou uma mudança cultural na vida desses homens e mulheres. Ferreira e Santos (2011), ressaltam que muitos desses artesãos já participaram de feiras em outros países e depois disso, as Associações de brinquedos de miriti começaram a receber encomendas de tais países.

Neste novo contexto, que é a influencia internacional na cultura do miriti em Abaetetuba, se faz necessário pesquisar as mudanças socioeconômicas e culturais na vida dos artesãos, haja vista, que são poucos os trabalhos a respeito da temática, vistas por este ângulo. O objetivo é descrever da produção a comercialização dos brinquedos de miriti, observando as mudanças que ocorrem no designer dos mesmos, em virtude da procura desses artefatos, mudanças socioeconômicas e as influencias internacionais na cultura dos brinquedos de miriti.

A metodologia utilizada realizada com entrevistas estruturadas e não estruturadas, nas associações de brinquedos de miriti, ASAMAB e MIRITONG, que atualmente são coordenadas pelos artesãos Rivaildo e Waldely respectivamente. Também foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o histórico do município de Abaetetuba, suas origens e cultura extrativista, para assim, com o objetivo de compreender como surgiu a utilização de uma espécie vegetal para tantos fins. Trabalhos já feitos a respeito dos brinquedos de miriti também foram pesquisados, com o intuito de realizar uma revisão de toda a ascensão cultural dos brinquedos de miriti em todo o Brasil e em vários países.

O primeiro capítulo contém informações sobre a história da criação do município de Abaetetuba, as mudanças ocorridas na economia e na sociedade, e o inicio da produção dos brinquedos de miriti. O segundo capítulo mostra como a arte

do fazer brinquedos se tornou uma atividade familiar passando de geração para geração, e a importância que o Círio de Nazaré representa como veículo divulgador da arte dos artesãos abaetetubenses. No terceiro e último capítulo está todo o processo de produção dos brinquedos de miriti e dos demais artefatos feitos a partir do miriti, como os também famosos paneiros que são comercializados a anos na feira do Ver-o-Peso em Belém do Pará.

CAPITULO I - O MUNICÍPIO DE ABAETETUBA: O BERÇO DA ARTE DOS BRINQUEDOS DE MIRITI

O município de Abaetetuba está localizado no nordeste do Estado do Pará, constituído pela sede municipal e pelas regiões das ilhas, que são compostas por 62 ilhas. A fundação do município está relacionada com a criação da Vila de Beja, pelos padres jesuítas no ano de 1880. Segundo os registros da Biblioteca Pública do município, Francisco Monteiro, saiu de Belém do Pará com sua família, em direção a uma sesmaria que ganhou do governador do estado José da Gama Maia, foram desviados do caminho por uma violenta tempestade, neste momento Francisco fez uma promessa, que ergueria uma igreja em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, no lugar onde ancorasse e lá se estabeleceria, assim nasceu a sede do município de Abaetetuba.

O município é famoso pela sua antiga atividade extrativista, uma das primeiras atividades econômicas do município foi a produção da cachaça. Através do cultivo da cana de açúcar e dos valorizados engenhos eram produzidos aguardente, mel e açúcar. Por isso Abaetetuba ficou conhecida como a "A Terra da Cachaça"(Documento Oficial da Biblioteca Pública do Município).

Entretanto, essa atividade está há anos extinta, com os avanços tecnológicos na área da produção, a manual fabricação abaetetubense foi entrando em declínio. Atualmente o município está mas contemporâneo, a economia é baseada, principalmente, no comércio, suas atividades extrativistas são focadas em produtos básicos, peculiares a região norte, como o açaí, a mandioca, frutas regionais, madeira, fibras, palmito, miriti entre outros (IBGE, 2007).

As bases econômicas do município já sofreram muitas mudanças desde sua origem. Em 1790 escravos africanos foram trazidos para o município para trabalhar no cultivo de cacau, café, arroz e cana-de-açúcar, séculos mas tarde, a produção da borracha cresceu, consideravelmente com a chegada de migrantes nordestinos (HIRAOKA e RODRIGUES, 1997).

Porém outra cultura extrativista emanou da região das ilhas que constituem o município, a utilização de uma espécie de palmeira nativa amazônica, conhecido popularmente como miriti (*Mauritia flexuosa* L. f), conhecida em outras regiões como buriti.

Segundo Balick (1986),

(...) desta espécie tudo é aproveitado (pelos abaetetubenses), o fruto é comestível, com uma infinidade de possibilidades de receitas quentes e

frias, também consumido in natura, as folhas servem para cobrir casas rústicas ou corrais de animais, por sua propriedade que lhe capacita a flutuar, seus caules são usados como pontes que dão acesso às casas ribeirinha.

Mas, o que realmente o coloca em evidência é a sua utilização como matéria prima para belíssimas obras de arte, os brinquedos de miriti, feitos a partir da bucha extraída do pecíolo. A extração das fibras segundo o documento de estatísticas do município esta data desde 1997, já fazendo parte da economia do município como produto de extração vegetal, com grande relevância tendo uma crescente demanda e valor no mercado, essas fibras se caracterizam por um material maleável e esbranquiçado, que permite ao artesão dar-lhe nova cor e forma. O antigo título de “Terra da Cachaça”, nas últimas décadas vem cedendo lugar para uma nova fama, e conseqüentemente, nova nomenclatura “a terra dos brinquedos de miriti”(Estatísticas Municipal do Estado do Pará, 2011).

FERREIRA E SANTOS (2010) observaram que as mudanças ocorridas na economia do município tinham em sua maioria as atividades oriundas das ilhas, com exceção dos brinquedos de miriti, pois, a maioria dos artesãos moram na sede municipal. Entretanto, os miritizais, localizam-se na regiões das ilhas, assim como, a influencia da produção a partir dos recursos naturais. Fato explicado por Cavalcante (1996), o miriti é uma espécie de habitat de várzea, regiões alagadas periodicamente nas épocas de cheias dos rios.

Oliveira et al (1991), evidenciam, a utilização de recursos naturais para produção de artefatos de uso domestico, ou para auxiliar na caça e na pesca, como vestuário dotados de estética e rituais, é uma pratica milenar herdada da população ameríndia que habitava a região amazônica antes da colonização européia.

Loureiro (2012) ressalta um ritual muito comum na cultura dos paraenses, a utilização dos brinquedos de miriti no pagamento de promessas durante as festividades do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, na capital Belém. As peças, geralmente, casas e embarcações, são colocadas no carro dos milagres, objetivando alcançar a tais objetos, ou agradecendo por já o tê-los alcançado.

Souza (2009) destaca que esse conhecimento foi transmitido para população ribeirinha da região, pelos povos indígenas predominantes na Amazônia, que transmitem continuamente essas técnicas as suas gerações, assim como os recursos naturais que a região oferece aos filhos da terra. Cabe ressaltar também a influencia indígena nas técnicas manuais em matéria prima retiradas da natureza.

Além dos brinquedos o miriti também ganha forma de cestarias, que são trançados de fibras vegetais, utilizadas em atividades domésticas. Velthem (1998), afirma que as cestarias fazem parte da cultura material de diversas tribos indígenas do Brasil, o que confirma as influências indígenas na cultura popular e ribeirinha dos “produtos naturais”.

As cestarias, em especial os peneiros, produzidos no município são feitos a partir das fibras do pecíolo do miriti, chamadas popularmente de talas, essas talas são trançadas e amarradas, ganhando formas de peneiros, utilizados nos afazeres domésticos (FERREIRA, SANTOS, 2010).

Ribeiro (1998), afirma que, a prática de cestarias feitas por fibras vegetais de diferentes comunidades indígenas, demonstram as peculiaridades das mesmas, como as habilidades de cada artesão, onde prevalece a preferência por uma ou duas peças, também ressalta, a influência indígena na cultura de produção de artefatos a partir de fibras vegetais no Brasil, a comunidade indígena desenvolveu técnicas de secar, trançar e costurar com vários estilos diferentes, e que estas são evidentes nas populações tradicionais que usam essas práticas em seu cotidiano para auxiliar nos afazeres domésticos e no sustento de suas famílias.

Esse fato é evidente na ilha do cutininga em Abaetetuba, onde se concentram a produção das cestarias, sendo uma forma de economia sustentável, a comunidade da ilha retira da mata a folha do miriti, o pecíolo é separado, a parte externa, chamada de tala, é a matéria prima dos artefatos de variados modelos, estes serão levados para sede do município para serem comercializados. As cestarias de Abaetetuba também são vendidas no complexo do Ver-o-Peso, a maior feira livre do Brasil, localizado na capital Belém, onde também são encontrados os brinquedos de miriti, juntos esses dois produtos são os carros chefes para o turismo no município, muito bem aceito por turistas do mundo todo, e, a algumas décadas vem sendo objeto de estudo para pesquisas, por ser algo incomum e inédito.

A cultura dos brinquedos em Abaetetuba se dá de uma forma ecologicamente sustentável, esse fato é ressaltado por Neuza Rodrigues, pesquisadora do miriti, Fundação Cultural de Abaetetuba (FCA, órgão Municipal da Prefeitura): “O investimento do miriti é sustentável, pois, os braços da palmeira (pecíolo), são retirados através de cortes precisos sem prejudicar a frutificação da palmeira. Além disso, a própria espécie exclui o pecíolo quando este se encontra maduro, ou seja, a

árvore oferece a matéria prima que vai descartar futuramente, fato que comprova a natureza sustentável da utilização desse recurso natural.

Monteiro e Rocha (2009), afirmam o município de Abaetetuba não só, é, a inspiração para a produção dos brinquedos como também oferece oportunidade de promoção e comercialização do artesanato de miriti, promovendo, no mês de junho, o Miritifest, uma feira cultural onde todos os produtos advindos da espécie são apresentados para sociedade abaetetubense e turistas de todos os lugares, os itens vão desde cestarias, brinquedos, bijuterias, objetos de decoração, licores, vinho, suco, comidas, etc. as próprias barraquinhas são feitas e cobertas com partes da palmeira, como, o próprio pecíolo e as folhas.

Sendo assim, o município de Abaetetuba ostenta em sua sede patrimônios edificado de significativo valor estético, bem como saberes e fazeres presentes, tanto na sua zona urbana, quanto na rural, que traduzem as formas de viver e de sentir, que caracterizam seu meio sociocultural. Atualmente os brinquedos de miriti são a identidade do alegre município de Abaetetuba, o saber-fazer está relacionado à produção de artesanato em miriti que caracteriza o patrimônio imortal do município (ASAMAB – Artesãos dos Brinquedos de Miriti de Abaetetuba)

1.1 - Brinquedos de miriti: uma influência na educação

Monteiro e Rocha (2009), afirmam, o município de Abaetetuba não só, é, a inspiração para a produção dos brinquedos como também oferece oportunidade de promoção e comercialização do artesanato de miriti, promovendo, no mês de junho, o Miritifest, uma feira cultural onde todos os produtos advindos da espécie são apresentados para sociedade abaetetubense e turistas de todos os lugares, os itens vão desde cestarias, brinquedos, bijuterias, objetos de decoração, licores, vinho, suco, comidas, etc. as próprias barraquinhas são feitas e cobertas com partes da palmeira, como, o próprio pecíolo e as folhas.

O surgimento de uma cultura conseqüentemente leva a um novo aprendizado. Os brinquedos de miriti são objetos que retratam as experiências de vida dos artesãos da época de criança, dos costumes de suas famílias, das lendas regionais, ou seja, são peças que passam uma mensagem, não falam mas são ricas em informação. Com a expansão dos brinquedos de miriti e a união de outros órgãos

nesse contexto, a arte passou a ser ensinada não só de geração para geração, nas famílias dos artesãos.

O SEBRAE (Serviço de apoio as micro e pequenas empresas) coordena várias oficinas que ensinam o “fazer brinquedos de miriti”, como um novo ramo profissional para a população abaetetubense, além do SEBRAE, alguns artesãos também estão organizando oficinas para tal ensino. Em visita ao ateliê de dona Nina Abreu, percebemos algumas peças diferentes das tradicionais, eram quebra cabeças, tabuadas, jogos de palavras, tabuleiro do alfabeto e de números. Essas peças pedagógicas foram idealizadas pela filha de dona Nina que é professora de educação infantil, e criada pelo artesão, para serem utilizadas durante as aulas de sua filha professora. A ideia teve bastante êxito, as crianças, segundo ela, demonstraram maior interesse nas aulas com matérias que não deixam de ser brinquedos, mas que trazem uma informação de aprendizagem, (TEIXEIRA et al, 1998).

Sendo assim o município de Abaetetuba ostenta em sua sede patrimônios edificado de significativo valor estético, bem como saberes e fazeres presentes, tanto na sua zona urbana, quanto na rural, que traduzem as formas de viver e de sentir, que caracterizam seu meio sociocultural. Atualmente os brinquedos de miriti são a identidade do alegre município de Abaetetuba, o saber-fazer está relacionado à produção de artesanato em miriti que caracteriza o patrimônio imortal do município (ASAMAB)

A utilização dos brinquedos de miriti no processo de ensino-aprendizagem é um instrumento lúdico agradável, motivador e enriquecedor que deve ser utilizados pelos docentes de forma adequada e planejar cuidadosamente os objetivos da aula. A ludicidade precisa ser trabalhada por todos os professores, independente da disciplina que atuam, dentro e fora de sala de aula.

1.2 - Os brinquedos de miriti: a origem histórica.

Os brinquedos de miriti são feitos a partir da bucha do braço do miritizeiro, cientificamente a matéria prima dos brinquedos tem o nome de pecíolo, a parte interna caracteriza-se um material maleável, leve, e que permite cortes precisos.

O botânico Paulo Cavalcante (1996) a descreve como uma palmeira (Arecácea), robusta, solitária, uma das maiores da Amazônia, possui um tronco reto, cilíndrico de ,média, atinge alturas de 20 a 25 metros, podendo alcançar até 35 metros. O estipe sustenta um ápice com 20 folhas grandes flabelado palmadas com 100 segmentos, o pecíolo (utilizado na fabricação dos brinquedos) mede até 4m de comprimento. O fruto é uma drupa oblongo elipsoide ou globosa de 5 a 7cm de comprimento, epicarpo formado de escamas romboides, córneas de cor castanho avermelhadas e lustrosas, o mesocarpo (parte comestível), representado por uma camada espessa de massa amarela ou alaranjada, endocarpo esponjoso, semente muito dura com endosperma homogêneo.

Diz Lustosa (1976) que

“entre as variadas espécies de palmeiras da Amazônia, o buriti é das que apresentam mais elegantes e belos espécimes. As palmeiras, em geral, são esbeltas e elegantes, mas o buriti é de linhas tão nobres e tão poéticas no seu todo que entre elas de salienta.”

A beleza do miriti não está apenas nas características botânicas, mas também, nos seus atributos etnobotânicos, ou seja, na sua utilidade pela população como fonte de inúmeras possibilidades. Como complemento na construção de casas, na culinária regional, no artesanato, entre outros. Antes de discorrer sobre o iniciou do uso da palmeira para fabricar os brinquedos de miriti é importante informar seus outros predicados.

Cavalcante (1996) faz referencias a Bhórquez (1976), que descreve várias utilidades da espécie, como o preparo do vinho a partir do mesocarpo (a massa do fruto), o vinho é preparado semelhantemente ao açaí e consumido junto com as refeições como um complemento, também usado para fazer o mingau e o doce, o qual, já é exportado para outros Estados, como em Teresina no Piauí é comumente encontrado nas feiras. Além do vinho, do mingau e do doce, do fruto também é extraído um óleo comestível usado na fritura de peixes. Das sementes é extraído um carburante líquido preparado no processo semelhante ao usado na produção de

álcool de milho e outros cereais. Ainda comenta sobre o açúcar retirado da seiva do miriti.

É fato que as inúmeras possibilidades econômicas do miriti são, a muitas décadas conhecidas pelas populações que vivem na região amazônica. Os ribeirinhos são hoje a referência, quando se trata, das utilidades do miriti, haja vista, que nas ilhas estão concentrados os miritizais, fato explicado, pelo seu habitat natural, sendo uma espécie de várzea, encontrada em regiões alagadas, na margens de rios e igarapés, ficando grandes períodos do ano submersos na água sem que isso lhe cause danos.

Por ser uma palmeira nativa da Amazônia não se sabe a data exata do início da utilização do miriti, há relatos que os índios no século XVIII utilizavam para fazer utensílios. Entretanto a prática pode estar associada a chegada de colonizadores e as misturas das raças o que deu origem ao povo brasileiro (MONTEIRO e ROCHA, 2009).

Loureiro (2012) explica que, a origem dos brinquedos de miriti está perdida no tempo vago da cultura oralizada na Amazônia. Acredita-se que os precursores dos brinquedos foram as crianças, que se utilizando do miriti começaram a fazer brinquedos simples, principalmente embarcações, “as canoinhas”, devido a macies e a capacidade de flutuar do material nos rios, igarapés, e poças de água deixadas pelas chuvas.

Provavelmente a prática infantil foi adotada pelos adultos, quem sabe, até mesmo, com o objetivo de auxiliar as crianças no fazer de um brinquedo, os pais então começaram a se interessar de tal maneira que, o fazer dos brinquedos tornou-se uma fonte de renda para muitas famílias abaetetubenses. “Em entrevista com um dos artesãos da ASAMAB, “diabinho”, como é conhecido carinhosamente na cidade, surgiu a informação da existência de gerações de artesãos em Abaetetuba, homens e mulheres pioneiros na arte dos brinquedos de miriti.

Monteiro e Rocha (2009), associam a origem da comercialização dos brinquedos de miriti ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em 1793, quando ocorreu a primeira procissão do Círio, nesta ocasião funcionou o primeiro arraial que entre outras atrações tinha uma feira com produtos regionais, entre eles, os brinquedos de miriti, vendidos por artesãos de Abaetetuba se destacaram, e nos anos seguintes continuaram a participar da feira. Atualmente é montado uma feira específica para a venda dos brinquedos de miriti, os artesãos se concentram na praça

Valdemar Henrique semanas antes da procissão e permanecem até o fim dos festejos.

CAPITULO II - AS GERAÇÕES DOS ARTESÃOS: DOS PIONEIROS AOS ATUAIS, UMA ARTE DE PAI PARA FILHO.

Sabe-se que as origens dos brinquedos de miriti não estão muito bem relatadas ou descritas em documentos. Porém os desdobramentos da arte tem muito o que contar, os primeiros artesãos conhecidos pela comunidade abaetetubense são chamados de primeira geração, incluem tanto homens como mulheres. A partir deles outros foram se interessando pelo fazer brinquedos, e assim, foi montando-se esse esquema de gerações, esposas, filhos, primos, tios, noras e genros, famílias inteiras de artesãos foram se formando ao longo dos anos, como relata seu "diabinho", pai do atual presidente da ASAMAB, Rivaildo:

" eu não sabia fazer brinquedos de miriti, mas quando me casei, meu sogro e meus cunhados(nomes não relatados), que fazem parte da primeira geração, faziam os brinquedos, minha esposa e sua mãe só davam o acabamento, pintando, ai foi que comecei a trabalhar com o miriti também, ensinei para meus filhos e filhas, hoje meus genros e noras fazem parte da nossa produção, as mulheres na pintura, e nós homens nos cortes e lixas."

Loureiro (2012) destaca a alusão dos brinquedos ao meio familiar, ou seja, de como eles retratam o dia a dia da família, suas experiências e sonhos. Fato este gritante na fala do artesão Antônio Silva: "*eu aprendi a fazer brinquedo da minha cabeça mesmo, só olhando os outros fazendo eu aprendi, mas nunca imitei ninguém.*"

É notável o amor dos artesãos pela árvore santa, como chamam para o miritizeiro, e mesmo desconhecendo princípios botânicos, com seus conhecimentos populares, cuidam para que a retirada das folhas não danifiquem o desenvolvimento da planta, fazem a retirada, só em momento oportuno, daquelas chamadas maduras, folhas que a própria árvore iria se desfazer.

Dona Nina Abreu, artesã mais antiga do município, revela sua preocupação com a utilização de maneira sustentável da espécie, para que nunca falte matéria prima para os brinquedos, ela também faz parte da primeira geração conhecida por suas características próprias em algumas peças que singularizaram a arte dos brinquedos de miriti, diz dona Nina:

"*eu comecei a fazer o pato do círio, porque o pato a gente sempre leva pro círio dentro do paneiro, ai eu peguei e criei o pato, ai eu levei seiscentos pra praça no Círio e o pessoal vinha comprar (fig. 1); o ribeirinho na canoa, eu comecei a fazer porque eu e meus sobrinhos dia de domingo ia passear no comercio, a cana, o miriti, o mel, o pato trazia tudo na canoa, ficou até sendo o símbolo do Miritfest, eu criei a*

dança da garrafa, a boneca com lastexque dança em cima da garrafa.(figura-04).

Figura 01. Fonte: ASAMAB. Os brinquedos singulares de Dona Nina Abreu.



2.1 - A importância do círio de nossa senhora de Nazaré na comercialização dos brinquedos de miriti

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré é considerado um marco histórico dos brinquedos de miriti, pois, acredita-se que a comercialização dos brinquedos tenha começado durante as festividades na feirinha regional. Sem dúvida a exposição dos brinquedos nesse período foi crucial para sua popularização e reconhecimento, sendo o Círio uma grande festa religiosa que atrai pessoas do mundo todo.

O primeiro Círio é datado em 1793, no segundo domingo de outubro, a santa homenageada é a Nossa Senhora de Nazaré, considerada a padroeira dos paraenses, o início da festa se dá pela grande procissão pelas ruas da capital do Estado do Pará, Belém, são vários quilômetros a pé, onde o povo paraense e turistas de vários lugares cantam e fazem orações a santa milagreira. Neste contexto foram surgindo muitos símbolos culturais que caracterizam o Círio de Nazaré, a corda, a berlinda, o carro dos milagres, o carro dos pedidos, as crianças vestidas de anjinhos e os brinquedos de miriti.

Segundo o sociólogo paraense Isidoro Alves, o Círio exerce o papel de intercambio ritual, no processo de trocas simbólicas, sendo um aglutinador de ideias generalizadas da identidade regional. Ele considera então a festa religiosa como “um campo ritual de cruzamentos de várias dimensões da vida social”. São

aproximadamente dois milhões de romeiros que acompanham a berlinda da santa durante as quatro ou cinco horas de percurso, desde a Catedral da Sé até a suntuosa Basílica de Nazaré, no centro da cidade. São quinze noites de festividades acompanhadas do parque oficial, feira de produtos regionais de artesanato e comidas típicas. E foi neste contexto que os brinquedos passaram a ser considerados signos culturais do Estado do Pará.

Loureiro (2012) ressalta que as apresentações dos brinquedos em datas representativas como o Círio, retrata o caráter cíclico e periódico de visualização dos brinquedos de Miriti. A festa da santa é um incentivador de mercado para os artesãos e também criou em caráter social uma tradição de periodicidade na produção dos brinquedos, pois, os meses que antecedem o círio os artesãos estão produzindo as peças. Os brinquedos se tornaram um elemento a mais na procissão, sendo levados pelos romeiros na cabeça, pelo pagamento de promessas, ou colocados no carro dos milagres, expostos na feira regional, dessa forma foram ganhando espaço e despertando a curiosidade e admiração dos romeiros. Acredita-se que este foi o primeiro contato dos brinquedos com turistas de outros países que compraram e levaram para seus lugares, nos anos seguintes os artesãos, em um processo e crescimento cultural, começaram a participar de feiras de artesanato em outros Estados e até mesmo em outros países, pelo reconhecimento de suas artes durante a procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Figura 02: Abajur de Miriti transado. Fonte ASAMAB



CAPITULO III - A CADEIA PRODUTIVA DOS BRINQUEDOS DE MIRITI

A matéria prima dos brinquedos de miriti é proveniente do pecíolo da árvore de miriti, esse material é chamado popularmente pelos artesãos de braça, é maleável e leve como o isopor, e flutua na água.

Monteiro e Rocha (2009) destacam que a extração da matéria prima para fabricação dos brinquedos de miriti se dá de forma sustentável, são retirados da árvore os “braços”, contendo um involucro verde, que é a tala, apesar de estar verde este se encontra maduro, e logo seria descartado naturalmente pela planta. O corte é feito de forma precisa para não danificar a frutificação da árvore, para que assim os frutos nasçam e as sementes de dispersem no ambiente.

De acordo com Ferreira e Santos (2011), a cadeia produtiva dos brinquedos não está desvinculada a de outro produto importante oriundo do miriti, que são os paneiros. Em sua pesquisa os autores perceberam que a cadeia produtiva segue uma ordem que parte da extração das folhas nas regiões de Cameté e limoeiro do ajurú, que se tornaram extratores fornecedores de matéria prima. Dai em diante partem para a ilha do cutininga, referencia na fabricação dos paneiros. Entretanto, existem em locais próximos de Abaetetuba, em outras ilhas, por exemplo, miritizais, que também são extraídos, nestes locais a extração é feita pelos próprios artesãos. As folhas são retiradas, dai divide-se o que será utilizado para a fabricação dos brinquedos, que é a parte interna do pecíolo, chamada de bucha, as talas, parte externa é retirada e direcionada para os artesãos que fabricam peneiros.

É importante ressaltar a nomenclatura utilizada pelos artesãos para as partes utilizadas do miriti, ambos os produtos têm como matéria prima o pecíolo, denominado de braça, as fibras que são a parte mais externa é chamada de tala, a medula do pecíolo, chamada de bucha, caracteriza-se por um material esponjoso é aplicada na feitura dos brinquedos, (FERREIRA e SANTOS, 2011).

A produção dos brinquedos começa com um bom preparo da matéria prima, adquiridas com os extratores das folhas, geralmente ribeirinhos, alguns artesãos preferem comprar as braças ainda verdes e secá-las em casa, pois, a técnica de secagem ao sol das braças deixam as buchas manchadas e escurecidas, o que influencia na aparência dos brinquedos de miriti, deixando-os com um aspecto envelhecido. Assim os artesãos recomendam que depois da retirada das talas, as buchas sejam protegidas do sol, para garantir uma matéria prima de qualidade. Outros artesãos compram-nas já secas e prontas para serem manuseadas, cujo preço pode chegar a R\$ 90,00 (noventa) reais, o cento, em épocas de grande

procura. Depois da secagem, as buchas são trabalhadas, ou seja, são cortadas já para tomarem a forma do brinquedo (Figura.2), com o brinquedo já esculpido na bucha, esta é lixada, se houver partes separadas estas são coladas, ao final os brinquedos são pintados e se necessário envernizados (figura.3), (FERREIRA e SANTOS, 2011). Após o todo o acabamento e a secagem os brinquedos estão prontos para comercialização.

Figura.3: Artesão. fonte ASAMAB

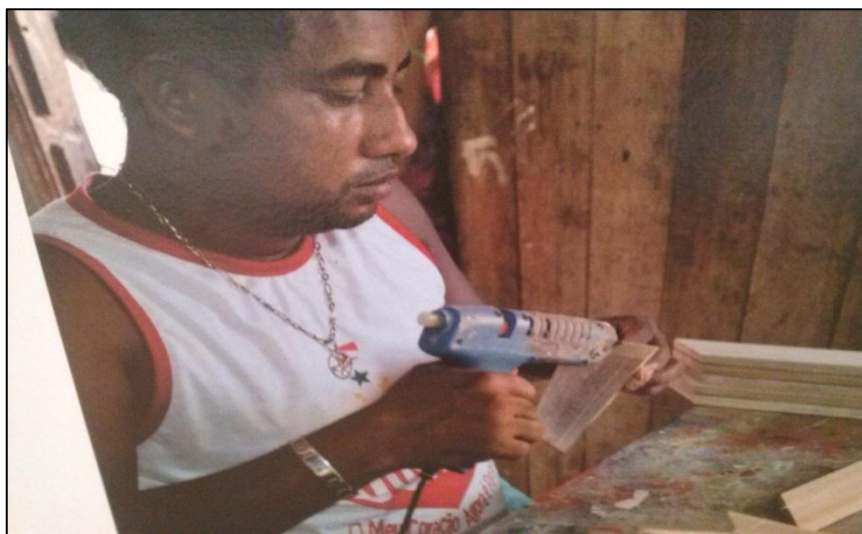


Figura. 4. Fonte: ASAMAB. O acabamento com a pintura do brinquedo



3.1- A

comercialização internacional: um intercambio cultural

Figura. 5. Fonte: ASAMAB. O produto pronto para a comercialização



A comercialização dos brinquedos de miriti, como já foi mencionada, tem como primeiro registro a festividade do círio de Nazaré, em 1973, data da primeira procissão, a partir daí, a venda dos brinquedos de miriti tornou-se tão tradicional quanto a própria festa da santa. Atualmente a feira de artesanato acontece na Praça Valdemar Henrique, desvinculada das demais vendas que ocorrem no parque nas proximidades da basílica de Nazaré. Isso demonstra a importância do artesanato neste período, a feira é visitada não só porromeiros locais, mais por turistas de todos os lugares do Brasil e de outros países, autores de livros sobre temas regionais, também visitam a feira no intuito de conhecerem os artesãos e compreender o porquê de suas obras.

Neste contexto as associações afirmam que muitos artesãos já vivem de sua arte, da venda de artesanato no círio, e em outras festividades, no festival do miriti em Abaetetuba, e em exposições em outras cidades do Brasil e em países como França, Espanha e Estados Unidos (MONTEIRO e ROCHA, 2009).

Considerando que o círio e o miritifest em Abaetetuba atraem grandes numero de visitantes, se tornam nos períodos de sua realização, vitrines dos artesanatos de miriti para o mundo, e oportunidades de expor e comercializar seus produtos em outras regiões do Brasil e países do mundo. A partir do aumento da divulgação do artesanato do miriti, os artesãos sentiram a vontade de se organizar e buscar aperfeiçoamento de sua arte, foi então que a ASAMAB, procurou o SEBRAE, que atualmente dirige três frentes de trabalhos junto à associação, explica Uiara Lima, gestora do projeto Miriti. A primeira visa a educação e formação por meio de oficinas que colaboram para maior promoção do artesanato, a segunda propõe a certificação do brinquedo de miriti, a terceira, em fase final, visa implantar o projeto da “Usina de

Reciclagem”, que tem por objetivo a utilização dos resíduos de miriti para a produção de papel, (MONTEIRO e ROCHA, 2009).

Como proposta de uma alternativa econômica na Amazônia, o miritizeiro, passou a destacar-se como uma das palmeiras de maior importância da região de Abaetetuba. Em meio a tantas oportunidades de uso sustentável, é a apresentada a produção dos artesanatos de miriti por ser a principal fonte de renda de famílias das zonas, urbanas, rural e da região das zonas das ilhas do município, (MONTEIRO e ROCHA, 2009).

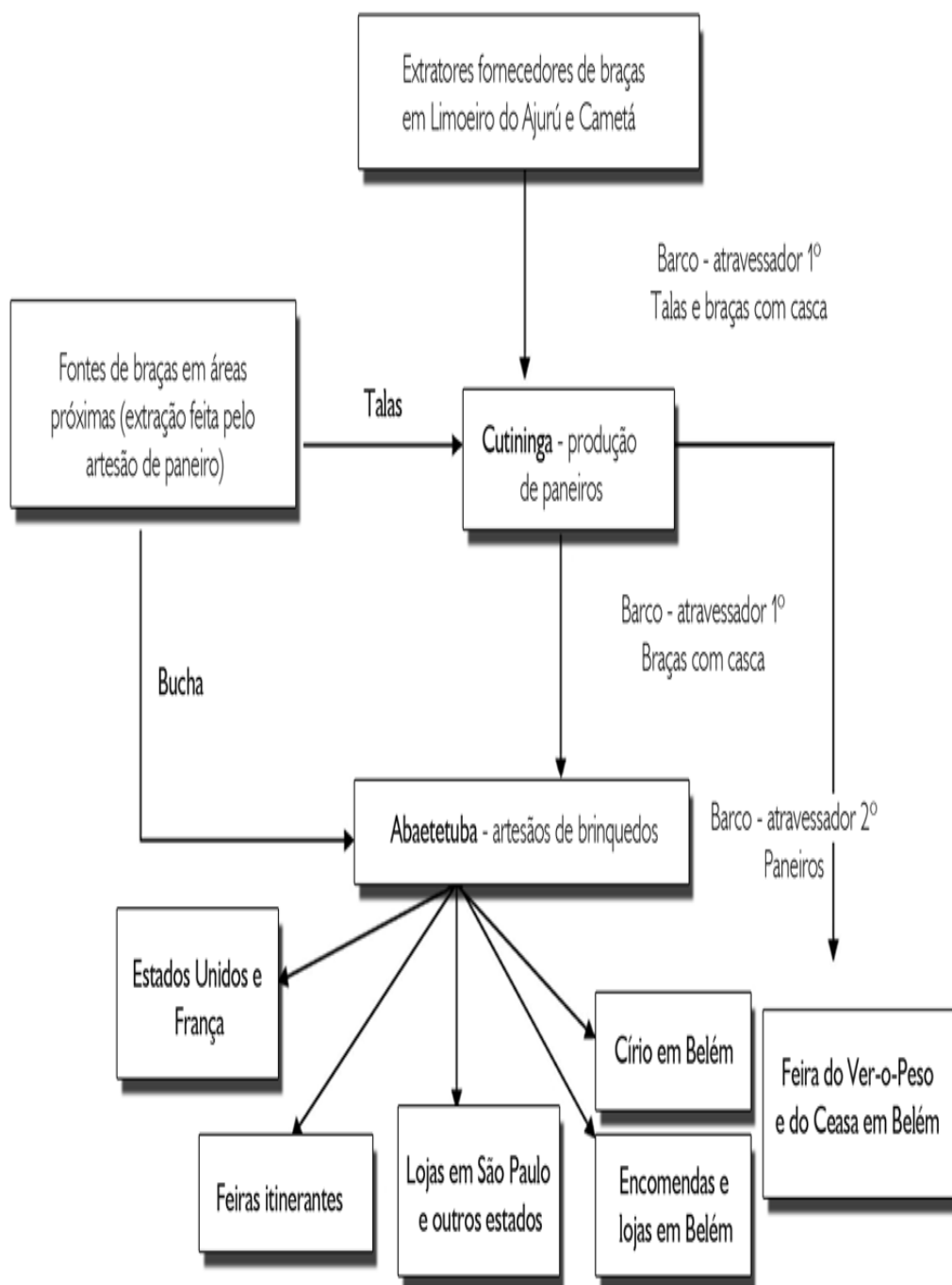
Segundo Ferreira e Silva (2011), não se sabe ao certo quando os brinquedos de miriti tornaram-se produtos comerciais, em 2004, foram tema da escola de samba Viradouro, no Rio de Janeiro, nos anos seguintes, os brinquedos foram apresentados em feiras nacionais e internacionais, através de articulações entre os artesãos e centros culturais e de pesquisa. Em um contexto geográfico mais amplo de acordo com artesãos, há vendas constantes para São Paulo, Rio de Janeiro e para o exterior, sobretudo para França. O custo de cada produção varia de acordo com o tipo e o tamanho, tanto os homens quanto as mulheres se dedicam na confecção, mas em se tratando de comercialização, essa fica delegada a cada artesão, sendo ele homem ou mulher, não existe uma tabela de preços, nem cartéis, nem mesmo o SEBRAE influencia no custo das peças, somente direciona o artesão a levar em consideração todo o trabalho até o acabamento final do brinquedo.

Em entrevista com o artesão “diabinho”, foi relatado por ele:

“as encomendas feitas por outros países, é feita por intermédio de terceiros. É primeiramente enviado uma amostra de várias peças, algumas pedidas em especial, depois da aprovação do cliente, o restante do pedido é enviado. Alguns países como a Espanha, pedem que os artesãos mudem alguns detalhes nos brinquedos, como a cor, porque, neste país as cores vivas não são muito bem aceitas pela população, sendo enviado para os artesãos as cores comuns do país para que os brinquedos possam ser pintados”. (2014)

Ferreira e Silva (2011), desenvolveram o fluxograma abaixo, que explica toda a cadeia produtiva e comercialização dos artefatos de miriti. Demonstrando como esses produtos chegam até o exterior.

FLUXOGRAMA



Ao observar o fluxograma fica claro a origem da matéria prima dos brinquedos e dos peneiros feitos do miriti, toda a trajetória da matéria prima, até chegar nas mãos dos artesãos, depois da peça montada, ela segue para diversos destinos, já que em muitas lojas e museus regionais já encontramos os brinquedos de miriti, como pesa importante do histórico regional paraense.

Assim como, a cultura do miriti se tornou conhecida no mundo, os seus autores (artesãos), também se tornaram populares e conhecidos pelos turistas

Brasileiros de outros Estados, e pelos turistas de outros países, esse fato, sem dúvida mudou a vida social dos artesãos nos aspectos culturais e econômicos. Muitos artesãos, além de exporem suas peças e as venderem no círio, no miritifest e em outras ocasiões em seu próprio Estado, já tiveram a oportunidade de participarem de feiras de artesanato em outros Estados Brasileiros e eventos em outros países. Isso fez com que estes homens e mulheres fossem buscar mais conhecimento, meios de melhorar seu método de venda, de melhorar seus produtos e sua própria educação, para assim não sentir dificuldades tão grandes ao ter que lidar com outras pessoas, muitas vezes que nem falam a língua portuguesa.

Nesse contexto a melhora surge com a parceria do SEBRAE, que tem como objetivo valorizar tanto o artesão como cidadão que coopera com a sociedade em que vive, quanto a qualidade do seu artesanato, que agora invade novos países, representando os artistas brasileiros e o artesanato paraense.

Figura 06: Caravela de miriti



Figura 07: Rosas de miriti

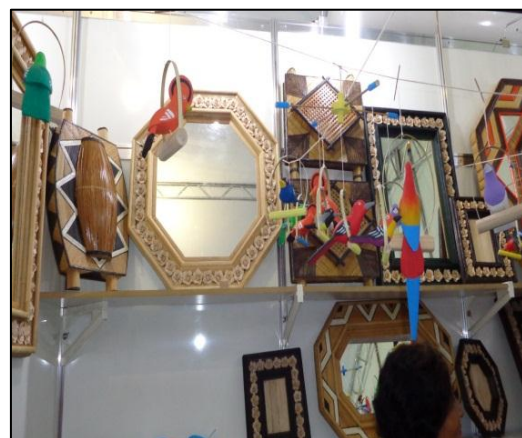


Nesta última feira de artesanato do círio de nossa senhora de Nazaré, foi montado um espaço mais moderno para que os artesãos pudessem ter um local mais apropriado para receber os turistas do mundo todo que vem até Belém durante a festividade, assim como o espaço físico mudou, a postura dos artesãos também se tornou mais moderna e descontraída, assim como, suas obras, enriquecidas com novas peças, que podem ser artefatos de decoração, e não simples brinquedos para crianças. Abaixo estão algumas fotos da “Feira de Artesanato do Círio 2013”, que aconteceu na Praça Valdemar Henrique, em Belém.

Figura 08: bancada de brinquedos



Figura 09: mostruário



3.2 - A sustentabilidade e o desenvolvimento sócio ambiental no extrativismo do miriti.

Em primeiro lugar, estão os que simplesmente acreditam que não exista dilema entre conservação ambiental e crescimento econômico. Crêem, ao contrario, que seja factível combinar essa dupla exigência. Todavia não há nenhuma evidência científica sobre as condições em que poderia ocorrer tal conciliação. E as posições dos economistas podem variar de A a Z justamente porque ainda não é possível demonstrar uma das duas possibilidades extremas da polêmica (VEIGA, 2005).

Segundo Veiga (2005), há um dilema entre a conservação ambiental e o crescimento econômico, onde o desenvolvimento de um significa a degradação do outro. O autor faz uma comparação entre tal dilema com as controversas do crescimento do PIB e a desigualdade social e aponta uma possível analogia entre os dois no que diz respeito à famosa curva em U, onde só se pode melhorar depois de alcançar certo patamar de riqueza.

É fácil compreender a comparação feita, pois, muitos ramos do crescimento econômico envolvem a extração de matéria prima de origem natural, e ao longo do tempo essa extração vem sendo feita de forma agressiva a natureza, mesmo depois do surgimento do termo sustentabilidade, ainda hoje se sabe que muitos processos

econômicos são provenientes de utilizações de recursos naturais inadequados e, até mesmo proibidos.

Idêntica conjectura sobre a relação entre crescimento econômico e meio ambiente foi lançada nas páginas de um dos mais respeitados periódicos científicos de economia. Ao examinar a renda per capita observou os quatro tipos de deterioração ambiental, mas comum, (VEIGA, 2005).

No âmbito ambiental o crescimento econômico desencadeou pelo menos quatro tipos de indicadores de deterioração ambiental, a poluição atmosférica, urbana, oxigenação de bacias hidrográficas, e duas de suas contaminações (fecal e por metais pesados). Em virtude dessa controversa fica de certa maneira impossível ligar o crescimento econômico e a qualidade ambiental.

Para que as duas vertentes andem em paralelo é necessário uma série de arranjos no modo de utilização dos recursos naturais, assim como, um tratamento adequado do que sobra do produto final, ou seja, do lixo produzido pelos processos industriais e fabricações em geral. Evitando o acúmulo de resíduos, através da reutilização desse material.

Sendo assim uma possível forma de conciliação entre as duas vertentes, que, segundo Veiga (2005), não pode ocorrer a curto prazo e muito menos de forma isolada, em certas atividades e em locais específicos, e chamar de uma ou outra atitude de sustentável.

É profundo o choque de visões sobre a globalização. De um lado, estão os que enxergam como fenômeno real e pensam que nada sintetizaria melhor a condição humana contemporânea. Do outro, céticos, como Herman e Daly, para quem tudo não passaria de ilusão inflada pelo entusiasmo de inocentes globalistas. E nem de longe tais visões são redutíveis a meras teóricas ou ideologias. Há muito a se aprender com os dois campos, desde que se consiga separar o trigo do joio que em ambos prolifera, (VEIGA, 2005). Entretanto, enquanto não se tem uma atitude de sustentabilidade em regime global, certas atividades vem tentando se adequar nos parâmetros do que seria gerar produtos advindos de matéria prima natural de forma sustentável.

Figura 10: Loja de Brinquedos



No caso da fabricação dos brinquedos de miriti, é possível apontar mudanças neste sentido, antes sem o auxílio do SEBRAE, os artesãos retiravam a matéria prima (pecíolo), sem a preocupação de não interferir no desenvolvimento da planta, outro ponto era o desperdício de material, o que não se aproveitava nos brinquedos era descartado de qualquer maneira, virando lixo. Atualmente segundo informações da ASAMAB, as oficinas desenvolvidas pelo SEBRAE, e as orientações dadas por pesquisadores do Museu Paraense Emilio Goeldi, houve uma aprendizagem nesse sentido, a preocupação de retirar a matéria prima em um dado momento que não interfira no desenvolvimento do miritizeiro, assim como, tudo o que sobra dos brinquedos é utilizado em ornamentações da sede ou de outros ateliês, na produção de caixas e outros tipos de embalagens e no próprio acabamento de certas peças.

.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa foi possível constatar que do início da prática de venda dos brinquedos, nas primeiras festividades do Círio em Belém ou em Abaetetuba, muitas mudanças ocorreram, em virtude da magnitude que o artesanato de miriti ganhou em todos esses anos, tanto que, passou a ser um alvo preferido dos botânicos, historiadores, sociólogos, entre outros pesquisadores, que exploraram ao máximo a cultura dos brinquedos de miriti em suas teses de pesquisa.

As exposições nas feiras de artesanato do círio passaram a ser uma vitrine para muitos turistas de vários lugares do mundo, isso abriu um leque de oportunidades internacionais aos artesãos, convidados e expor suas obras em eventos internacionais, adquirindo, assim, novos clientes em vários países. Hoje os brinquedos de miriti são facilmente encontrados, em lojas de artefatos regionais, em vários pontos da capital paraense, nos museus, como, São José Liberto. Além da capital Belém, Estados como, São Paulo, Rio de Janeiro, também encomenda pesas para suas lojas e feiras, assim como, outros países citados na pesquisa.

A importância dos brinquedos de miriti para o município de Abaetetuba e na vida de cada artesão é de grandes potenciais, hoje o município é referencia mundial no diz respeito a esse tipo de artesanato sendo a capital mundial dos brinquedos de miriti, e como tal movimentando economicamente a dinâmica do município, principalmente durante as festas de Círio, e festival dos brinquedos de miriti que atrai turistas do mundo todo. É bem verdade que atualmente qualquer turista sabe sobre a existência do município através da representatividade que os brinquedos inseriram no mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASAMAB. Associação de Artesãos de Brinquedos e Artesanatos de Miriti de Abaetetuba, 2013.
- BALICK, M. J. Systematics and economic botany of the *Oenocarpus*: IN Calvalcante P, B Frutas Comestíveis da Amazônia. Belém – PA, 1996.
- CAVALCANTE P, B. Frutas Comestíveis da Amazônia. Belém – PA, 1996.
- Documento Oficial da Biblioteca Pública do Município de Abaetetuba.
- Estatísticas Municipais de Abaetetuba. Governo Estadual, 2011.
- FERREIA M, C. SANTOS. R. S. Artefados de Miriti (*Mauritia flexuosa* L. f) em Abaetetuba, Pará: Da produção à comercialização, 2011.
- HIAOKA. M. RODRIGUES. D. L. Palmeiras e ribeirinhos na várzea do estuário do rio Amazonas, 1997.
- LOUREIRO, J.J.P. OLIVEIRA, J. Da Cor do Norte: Brinquedos de Miriti. Fortaleza, 2012.
- LUSTOSA, D.A. Almeida. No Estuário Amazônico: à margem da visita pastoral, Belém, Conselho Estadual de Cultura, 1976.
- MONTEIRO. L. W. S. ROCHA. J. N. Artesanato de Miriti: uma análise da produção sustentável a partir dos princípios da economia ecológica em Abaetetuba-PA, 2009.
- OLIVEIRA. J. et al. Espécies vegetais produtoras de fibras utilizadas por comunidades amazônicas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série botânica, 1991.
- RIBEIRO. B. Artes têxteis indígenas no Brasil. In: Darcy Ribeiro. Suma etnológica brasileira, 1998.
- SOUZA. M. J.S. Etnografia da produção de artefatos e artesanatos em comunidades da reserva de desenvolvimento sustentável Amaná Médio Solimões, 2009.
- TEIXEIRA. T.N.P. et al. A importância socioeconômica das espécies *Mauritia flexuosa* e *Euterpe oleracea*, no Município de Abaetetuba-PA. 1998.
- VEIGA. J. E. Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI, 2005.
- VELTHEM. L. H. A pele de Tuluperê: uma etnografia dos trançados wayana. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.